revista tecnologia e sociedade

Revista Tecnologia e Sociedade
ISSN: 1984-3526

https://periodicos.utfpr.edu.br/rts

Álvaro Vieira Pinto e a filosofia política da técnica

Luiz Carlos Montans Braga
Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, Bahia

[...] a instauração do processo de desenvolvimento nacional está intimamente ligada à possibilidade de enveredar o país pelo rumo da revolução tecnológica. [...] É preciso que se esforcem por apoderar-se o mais depressa possível das técnicas fecundas, tendo a consciência de que assim deverão proceder porque a aquisição desse saber é o instrumento mais eficaz do seu desenvolvimento. Tais países não poderão vencer o atraso econômico senão pela ação política lúcida e decidida, que determine a comunidade a realizar enorme esforço de acumulação de capital para financiar o progresso técnico. (Álvaro Vieira Pinto, Consciência e Realidade Nacional I, pp. 84-85)

RESUMO

O artigo procura tratar dos conceitos vieirianos de filosofia do desenvolvimento, nação, amanualidade, trabalho, história, técnica, consciência autêntica e educação das massas. Para isso, são focados dois ensaios de Álvaro Vieira Pinto. De um lado, "Ideologia e Desenvolvimento Nacional". De outro, "Consciência e Realidade Nacional" I. Intenta-se que este último lance luz em conceitos apenas apontados no primeiro. O artigo faz uso de fontes primárias e utiliza, para aclarar a argumentação, como fonte secundária, comentadores da obra de Vieira Pinto. A conclusão aponta, a partir da análise dos conceitos acima, presentes nas referidas obras, a existência de vínculos fortes entre o conceito vieiriano de técnica e a filosofia política proposta pelo autor.

PALAVRAS-CHAVE: Álvaro Vieira Pinto. Filosofia do desenvolvimento. Trabalho. Técnica. Nação.

INTRODUÇÃO

1956. Ano da publicação da primeira edição de "Ideologia e Desenvolvimento Nacional" (VIEIRA PINTO, 1960, p. 9). O texto pode ser considerado um ensaio-mapa da fase de elaboração mais autoral de Álvaro Vieira Pinto. Isso porque apresenta não mais o Vieira Pinto leitor de filosofias e filósofos estrangeiros, como o que defendeu tese sobre Platão na Sorbonne (VIEIRA PINTO, 1949; SAVIANI, 1993, p. 14), mas um filósofo que propõe as linhas gerais de uma filosofia própria, intitulada em alguns momentos de filosofia do desenvolvimento ou, termo sinônimo, ideologia nacional (VIEIRA PINTO, 1960, p. 45). Não se trata, ressalta o autor, de elaborar algo que se poderia chamar de filosofia brasileira, "[...] propósito cujo ridículo nos parece desnecessário salientar" (VIEIRA PINTO, 1960, p. 45), mas de traçar as linhas mestras de uma filosofia do desenvolvimento, com subtemas filosóficos a este intrinsecamente ligados, tais como subdesenvolvimento, método, ciência, consciência autêntica, técnica etc. Afirma Vieira, sobre o projeto esboçado no ensaio: "Trata-se tão-somente de analisar, por meio de disciplinas científicas, os dados do processo histórico de nosso país neste momento e de forjar a teoria explicativa da sua realidade, para do conjunto extrair regras práticas que permitam a intensificação útil do processo." (VIEIRA PINTO, 1960, p. 45). Projeto simultaneamente de esclarecimento e com vistas à ação, portanto. Este ensaio de Vieira Pinto é fruto e tarefa, igualmente, dos debates entre os autores constituintes do ISEB[1] (VIEIRA PINTO, 1960, p. 45).

Esta obra, não obstante consistir em uma aula inaugural do Instituto, e apresentar apenas as linhas gerais de um projeto, pode ser um bom mapa de conceitos e teses de Vieira Pinto, os quais o autor aprofunda em obras posteriores. Por esta razão o ensaio pode dar ao leitor um direcionamento, régua e compasso, para se aventurar com alguma segurança na vasta e densa obra de Vieira Pinto. Em outras palavras, alguns conceitos apenas apontados ou esboçados em "Ideologia e Desenvolvimento Nacional" ganham corpo e desdobramento em obras posteriores, tais como "Consciência e Realidade Nacional" I e II (VIEIRA PINTO, 2020a, 2020b)[2], "Indicações metodológicas para a definição do subdesenvolvimento" (1963), "Ciência e existência" (2020)[3], bem

[1] ISEB: Instituto Superior de Estudos Brasileiros. Vieira Pinto foi diretor do Departamento de Filosofia do Instituto (1955-1961) e diretor geral na última fase da instituição (1961-1964). O ISEB teve pretensões de ser uma espécie de *Think Tank* brasileiro. Para a história e importância do ISEB, ver: ABREU, 2005. Para estudos acerca do ISEB, ver: TOLEDO, 2005. Para excelente análise da vida de Vieira Pinto em meio à trama histórica, ver: FREITAS, 1998. Para uma biobibliografia muito bem construída, ver: GONZATTO & MERKLE, 2016.

[2] Originalmente publicada em dois volumes, lançados em 1960 e 1961, pelo ISEB. Ver: http://www.alvarovieirapinto.org/obras/consciencia-e-realidade-nacional/. Acesso em 13 JUL 2022.

[3] Escrito em 1967, quando do exílio do autor no Chile e publicado no Brasil pela editora Paz e Terra em 1969 (em primeira edição). Houve, posteriormente, outras - 1979, 1985. A mais recente, pela editora Contraponto, é de 2020. Ver: http://www.alvarovieirapinto.org/obras/ciencia-e-existencia/. Acesso em 13 JUL 2022.

como nos póstumos "O Conceito de Tecnologia" I e II (2005a, 2005b) e "A Sociologia dos Países Subdesenvolvidos" (2008)[4].

O presente artigo pretende extrair da referida obra alguns conceitos vieirianos e os ligar a outro ensaio do autor, a saber, "Consciência e Realidade Nacional" I, fazendo a costura entre temas aparentemente dispersos, mas que são intrinsecamente conectados na obra de Vieira Pinto. As questões sobre as quais o artigo se debruçará, indicadas a seguir e já presentes, ainda que de maneira incipiente, em "Ideologia e Desenvolvimento Nacional", obviamente não esgotam o pensamento de Vieira Pinto. São antes um recorte sobre temas fundamentais e intrinsecamente conectados no pensamento do autor, como se procurará mostrar a seguir.

No que se refere aos temas, mais precisamente, o artigo procurará tratar das relações entre filosofia do desenvolvimento (e sua outra face, o subdesenvolvimento) e o conceito vieiriano de técnica.

O leitor poderá notar, nesse movimento de encaixe de conceitos, que há unidade na obra de Vieira Pinto, o que faz que se possa ligar sem grandes problemas a obra de 1956 à publicada em 1960-1961, "Consciência e Realidade Nacional" I e II (2020a, 2020b), bem como todas elas ao ensaio "O Conceito de Tecnologia", em dois volumes, publicado postumamente, em 2005. Sobre esta última, o artigo não tratará, exceto pontualmente. Ela é um minucioso desdobramento de partes da obra anterior de Vieira Pinto, e versa especialmente sobre os temas da técnica, da tecnologia e da cibernética. Por seu tamanho e densidade, não poderá ser objeto de análise no correr do presente artigo. Outro ponto que deverá chamar a atenção do leitor é o seguinte: por reformular uma série de conceitos até então tratados pelo senso comum de diversas disciplinas - sociologia, economia e mesmo filosofia -, tais como o par desenvolvimento/subdesenvolvimento e os conceitos de técnica e tecnologia, Vieira Pinto alcança resultados muito originais em suas investigações. Por exemplo, um ponto de fundamental importância é a constatação de que o subdesenvolvimento não é um estado ou um conceito sem qualquer ligação com a relação entre, de um lado, países soberanos imperialistas metropolitanos e, de outro, países colonizados e subjugados. Ao invés. Para Vieira Pinto, são duas faces de uma mesma moeda. Há grande interesse dos países desenvolvidos, especialmente os imperialistas, para que os países subdesenvolvidos se mantenham neste estado. Em chave diversa, outro exemplo de originalidade é a constatação de que não se viveria, à época, como em nenhuma outra, em período de explosão dos usos da tecnologia, em uma era tecnológica, em contraposição a outras, sem tecnologia. Em vez disso, o autor propõe a tese de que o surgimento do homem, o processo de hominização, é coetâneo ao processo de surgimento da técnica (VIEIRA PINTO, 2005, p. 246). Dessas teses originais nasce uma consequência notável, a de que a técnica tem necessariamente e de modo imanente, em sua constituição, as ações humanas. Portanto, não se pode desvincular a técnica da ética - como campo das ações e do produzir existencial do homem -, bem como não se pode desvincular a técnica da política (VIEIRA PINTO, 2020a, pp. 84-85).

Assim, um dos corolários das teses vieirianas, eis a hipótese central deste artigo, é o de que há uma filosofia política da técnica. Isso faz que um dos

[4] Edição feita a partir do manuscrito encontrado por José Ernesto de Fáveri, após árdua pesquisa. Ver FÁVERI, 2015, posição aproximada 1731.

conceitos de tecnologia propostos pelo autor (VIEIRA PINTO, 2005, pp. 219-355), a saber, um *logos* da técnica, uma epistemologia da técnica ou uma teoria do conhecimento acerca da técnica, tenha sempre um viés ético-político constitutivo. Não apenas. A técnica nasce quando nasce o homem. Ela é o manuseio que o homem faz do e no mundo, conceito que o autor intitulará amanualidade, o qual tem estreita vinculação ao conceito de trabalho e de existência. Isso traz consequências consideráveis às teses de Vieira Pinto sobre desenvolvimento, técnica e tecnologia. Conceitos como política, história, desenvolvimento/subdesenvolvimento, teoria da técnica e ideologia (como falseamento) da técnica se constituem como temas e problemas necessariamente interligados.

O problema da pesquisa consiste, pois, em identificar esta gama de conceitos - técnica, tecnologia, política, desenvolvimento/subdesenvolvimento, amanualidade, trabalho, existência, massas, educação, nação, história, cultura etc. - presentes em ambos os ensaios, às vezes de modo tácito e pouco desenvolvido, às vezes de modo explícito e mais desenvolvido. O objetivo é os analisar e os relacionar entre si, bem como mostrar como alguns conceitos apenas apontados na obra inicial são aclarados e desdobrados no ensaio posterior. São temas fundamentais uma vez que possibilitam compreender a visão vieiriana sobre os conceitos de técnica e política, o que permite levantar e investigar a correção - ou incorreção - da hipótese que dá título a este artigo, a saber, a existência no autor de uma filosofia política da técnica.

As motivações para a realização deste estudo são basicamente duas. De um ponto de vista mais estrito, em chave de uma pesquisa de história da filosofia, trata-se de investigar a hipótese levantada a partir deste recorte feito na obra vieiriana - a da existência de uma filosofia política da técnica -, bem como explicitar as definições dos conceitos e costurar as relações entre eles. De um ponto de vista mais amplo, a motivação é estudar um dos autores da história da filosofia que propõe um conceito de técnica que se liga ao conceito de hominização, em proposta bastante distinta de autores que não vinculam o nascer do humano ao nascer da técnica. Assim, a proposta vieiriana permite um vínculo forte, imanente, entre o fazer (meios para fins, técnica) e o agir (ética e política).

O artigo pretende, portanto, desdobrar esses pontos, fazendo a costura entre teses presentes em “Ideologia e Desenvolvimento Nacional” (1960) e no volume I de “Consciência e Realidade Nacional” (2020a). O ensaio “O Conceito de Tecnologia” é um desdobramento minucioso de teses trabalhadas em “Consciência e Realidade Nacional”. A análise do ensaio sobre tecnologia, em seus dois volumes, ainda que de modo resumido, não caberia em apenas um artigo, razão pela qual não será, por ora, objeto de análise.

METODOLOGIA

O artigo será construído, principalmente, por meio de pesquisa nas fontes bibliográficas primárias, a saber, a obra de Vieira Pinto. Dois ensaios do autor serão focados: “Ideologia e Desenvolvimento Nacional” (1960) e o volume I de “Consciência e Realidade Nacional” (2020a). Os conceitos do autor que se pretende interligar no artigo serão extraídos principalmente dessas fontes primárias. Eventualmente, outro ensaio do autor que esclarece os conceitos será movimentado, a saber “O Conceito de Tecnologia” I (2005). Comentadores e

estudiosos da obra de Vieira Pinto, como fonte bibliográfica secundária, também serão fonte de pesquisa com o intuito de aclarar argumentos levantados.

NOTAS SOBRE A FILOSOFIA DO DESENVOLVIMENTO

Vieira Pinto afirma que "[...] faltou em nosso passado intelectual a presença da filosofia." (VIEIRA PINTO, 1960, pp. 12-13). As razões estariam ligadas às circunstâncias de dependência externa na nossa formação social. Com efeito, não teriam se instituído as condições de infraestrutura material e "[...] suficiente aspiração autóctone para que houvesse o surto do pensamento filosófico em nosso meio" (1960, p. 12). Ora, a falta de uma concepção tendente ao universal, segundo Vieira, teria por consequência a falsa consciência, a opacidade, quando o assunto fosse o "nós-mesmos". Uma manifestação da consciência ingênua, tema que foi posteriormente desdobrado e minuciosamente analisado no volume I de "Consciência e Realidade Nacional" (VIEIRA PINTO, 2020a). Isso impossibilitou o salto crítico, a consciência verdadeira acerca do "nós-mesmos". Por essa razão, o fenômeno do desenvolvimento não foi compreendido pelos brasileiros em função da opacidade da consciência dos membros da nação, bem como os estímulos corretos ao processo de desenvolvimento não foram realizados (1960, p. 12). Teria faltado aos brasileiros o ponto de vista do infinito (1960, p. 13). A falta da filosofia trouxe como consequência a falta da consciência adequada, a qual demanda não a visão da parte, ainda que com ricas teses, mas aspira à visão totalizadora, universal. Vieira Pinto escreve: "Faltou-lhe [ao Brasil] o instrumento conceitual indispensável, que só a compreensão filosófica poderia ter proporcionado, permitindo transcender o plano em que se situava e ultrapassar o finitismo de sua visão" (VIEIRA PINTO, 1960, p. 13). Um estudioso de Vieira Pinto levanta a hipótese, que ilumina a questão a partir de outro ângulo, segundo a qual a filosofia da tecnologia e da técnica do autor seria exatamente a tentativa de compor este instrumento conceitual indispensável (CARVALHO, 2020, p. 304).

A tese inicial de Vieira Pinto pode parecer superficial ao primeiro olhar. Mas ele a sofistica no correr do opúsculo, concebendo alguns conceitos filosóficos fundamentais e os amarrando entre si. A consciência passaria de opaca a adequada ou autêntica por meio da inserção das massas. Vieira Pinto constata na ocasião da redação do ensaio o crescimento da população brasileira. E isso poderia levar ou ao desenvolvimento, sempre visto como um processo (1960, p. 21), ou à pauperização (p. 15). Como o crescimento das massas, em quantidade, levaria ao salto de qualidade, à passagem da consciência opaca ou ingênua à consciência lúcida ou autêntica? A aposta de Vieira passa pelo "ingresso de um número cada vez maior de indivíduos no que se poderia chamar de ´área culturalmente iluminada` da sociedade." (1960, p. 16). Ora, o alargamento quantitativo de indivíduos da massa inseridos na cultura produziria o efeito inevitável do alargamento qualitativo da consciência, ou seja, a possibilidade do salto de transformação da consciência (1960, p. 16). Caso se atente à diferença entre uma criança bem formada na escola e a que não teve acesso aos estudos, quanto a seus futuros possíveis como adultos, tem-se uma noção próxima do que o autor mostra como ponto fulcral de sua argumentação. Analisando os conceitos, Vieira sofistica a tese ao afirmar que a revolta, por exemplo, antes apenas um sentimento, ganha qualidade de ideia como representação quando o indivíduo compreende historicamente a sua situação e o conjunto de causas que

o levaram àquele ponto. A representação da situação é qualitativamente mais rica que o mero sentimento indistinto da revolta. Diz: “Antes, sofria. Agora sabe porque sofre” (1960, p. 18). E refina o argumento ao afirmar que “[...] o homem que possui uma ideia é ao mesmo tempo um homem possuído por essa ideia.” (p. 18). Do psiquismo (a ideia no indivíduo) ao social (a ideia que leva à ação) basta um passo. Isso ocorre porque as ações do indivíduo não serão mais ações a esmo, mas ações orientadas pela ideia. Passa o indivíduo a agir em função da representação que tem da sua situação histórica, de seus determinantes. A ideia, nessa perspectiva, deixa de ser algo abstrato e passa a ser realidade social (1960, p. 19). Quando o indivíduo possui a ideia, tem-se o aspecto psicológico. Quando a ideia possui o indivíduo, isto é, quando suas ações se dão por impulso de suas ideias, tem-se o aspecto sociológico - que decorre do efeito das ideias (ações) em um grande número de indivíduos (1960, p. 19).

O desenvolvimento histórico, como processo que é, decorre dessa dialética[5], dessa inter-relação (1960, p. 20). Por isso Vieira Pinto pode concluir que “desenvolvimento nacional é um processo”, ou seja, nada tem de aleatório, de casual, de improviso, mas é “transiência inteligível” (1960, p. 21). É elemento central, igualmente, lembra Vieira, de tal processo, a “finalidade a que se dirige” (1960, p. 22). O planejamento e a definição da finalidade são tarefas da grande política, do poder público. Porém, como as ações se dão no plano do individual, é preciso que haja a ideia clara desse projeto como representação em cada indivíduo, formando grupos. Assim se dá em uma democracia política, visto que os cidadãos não serão obrigados a fazer o que define o poder público, mas terão consciência clara do todo e agirão nesse sentido (1960, p. 24). Portanto, essas ações em conjunto dependem da “[...] presença das ideias e do grau de claridade das consciências” (p. 24). Para que a finalidade seja atingida, em uma democracia política, afirma Vieira, é necessário que as ideias quanto ao projeto coletivo estejam muito bem claras a cada consciência, sem opacidades, pois do contrário haverá intermináveis focos de resistência à finalidade. Daí que seja necessário “que aquilo que em cada consciência privada é ideia, seja socialmente ideologia.” (1960, p. 25). O termo ideologia, em Vieira Pinto, possui um deslize semântico. Quando trata da tecnologia como ideologia, por exemplo, traz o sentido de falseamento da realidade ao termo (VIEIRA PINTO, 2005, p. 220). Uma ideologia da tecnologia é um tratamento falseado quanto ao que é o conceito verdadeiro de tecnologia. Dizer que se está em uma era tecnológica, em contraposição às demais, que seriam não tecnológicas, para o autor, é um típico exemplo de falseamento do conceito, pois o surgimento do homem, a hominização, é coetâneo ao surgimento da técnica (VIEIRA PINTO, 2005, p. 246; CARVALHO, 2017, p. 22). Entretanto, aqui o termo ideologia significa algo positivo, um conjunto de ideias, presentes nas mentes de cada indivíduo, portanto representação, conjunto este que devém algo que transcende o plano da psique, que passa a ter relevância e influência na sociedade, ou seja, uma ideologia ou filosofia do desenvolvimento (1960, p. 45).

Um dos lados mais estritamente políticos do desenvolvimento se dá nessa passagem de uma consciência opaca a uma consciência autêntica. Como visto, há uma inter-relação entre ideia enquanto algo do plano psíquico e as ações impulsionadas por essas ideias. As ações, realizadas por grandes grupos de indivíduos, são o aspecto social e histórico do fenômeno. O individual se

[5] Sobre a dialética em Vieira Pinto, ver: MONTANS BRAGA, 2021.

transmuta, por esta razão, em coletivo. A ação coletiva, por sua vez, decorre da união de cada ação individual clarificada pela ideia correta da situação histórica do indivíduo e da nação. Se realizada de acordo com o planejado pelo poder público com vistas às finalidades definidas, a ação coletiva estará no caminho do desenvolvimento nacional. Não se trata de qualquer poder público, mas daquele eleito pelo voto das massas portadoras de consciência autêntica (1960, p.40). A passagem da consciência semicolonialista a uma nova estrutura de ideias é o salto qualitativo da consciência, que passa a ser uma reinterpretação do Brasil. O desenvolvimento nacional é, em uma de suas facetas, este processo (1960, p. 28). O modo como as massas passam de meros coadjuvantes com ações descoordenadas a atores centrais do processo, de acordo com Viera Pinto, tem uma única condição, que é um dos problemas centrais da filosofia do desenvolvimento: a educação das massas.

Vieira Pinto chega então a teses centrais do pequeno ensaio sobre a filosofia do desenvolvimento: "[...] sem ideologia do desenvolvimento não há desenvolvimento nacional." (1960, p. 29 - grifado no original). Outra, decorrente da relação entre consciência opaca e autêntica, ou seja, a transmutação de uma em outra por meio da educação das massas: "a ideologia do desenvolvimento tem necessariamente de ser fenômeno de massa." (1960, p. 30 - grifado no original). Como decorrência lógica, afirma Vieira, tem-se que "[...] o processo de desenvolvimento é função da consciência das massas." (p. 31, grifado no original). Na mesma chave, indica: "a ideologia do desenvolvimento tem de proceder da consciência das massas." (p. 34, grifado no original). As quatro posições se entrelaçam num todo coerente. Com efeito, deve-se atentar, primeiro, para o sentido de ideologia aqui empregado. Trata-se do sentido equivalente a filosofia do desenvolvimento (p. 45). Em segundo lugar, não quer Vieira Pinto empregar o conceito como falseamento. É na verdade a decorrência do processo histórico de clareamento das consciências, o que se faz pela educação das massas, as quais, dado o desenvolvimento material, ingressam nas áreas de cultura e ampliam o saber sobre sua real situação. Vieira aposta na metamorfose da consciência de inautêntica em autêntica como a razão de ser da ideologia (do conjunto de ideias), condição *sine qua non* para o desenvolvimento nacional. Sem as ideias claras e distintas, bem assentadas em cada indivíduo, é dizer, sem a transmutação da consciência opaca e alienada em consciência autêntica, não devém qualquer ideologia ou conjunto de representações corretas da realidade individual e histórica e, portanto, não decorre qualquer ação social com vistas a qualquer finalidade. O que há, neste caso, ao invés, é um rol de ações em conflito, sem finalidade, e a pauperização da nação como corolário. Por isso mesmo, sem esses requisitos, especialmente a dialética psique-sociedade, o fenômeno de massa e a conscientização adequada das massas pela educação - um problema que Vieira não desdobra no opúsculo (1960, p. 42)[6] -, não há desenvolvimento nacional.

Em seus últimos movimentos argumentativos, o autor estabelece uma definição de educação das massas que reúne os conceitos acima abordados. Afirma Vieira: "[...] a ideologia do desenvolvimento não é doação feita às classes populares, para que cada um a absorva na medida da sua capacidade" (1960, pp. 42-43). De fato, Vieira Pinto já alertara o leitor sobre a necessidade de as ideias e

[6] Sobre o conceito de educação no autor, ver: VIEIRA PINTO, 1993.

representações em cada indivíduo serem resultado da compreensão da realidade, da situação, não algo imposto de fora. E continua, nesse sentido:

> [...] ao contrário, é transmutação que se opera na intimidade do homem ´em situação`, e de que resulta a clarificação conceitual da representação que faz do seu *status* social e da evolução histórica. É processo imanente, mas admite aceleramento por influência exterior. Isto é que constitui a noção social de educação (VIEIRA PINTO, 1960, p. 43).

Arremata a argumentação, em passagem que interessa sobremaneira ao presente artigo, afirmando que a educação deve abandonar a preocupação de formar “doutores e exegetas de coisas mortas” (1960, p. 44) para se constituir como um “humanismo do nosso tempo” (p. 44). Tal humanismo terá como foco o conhecimento das ciências da cultura e da natureza, bem como “[...] a posse das técnicas de exploração fecunda da realidade material e as artes que exprimam o sentido original do homem brasileiro” (p. 44). A educação, assim definida, de acordo com Vieira, não apenas é fundamental para a teoria do desenvolvimento, como, no caso do Brasil, é a “[...] difusão dessa ideologia” (p. 44).

***

Vieira Pinto afirma, como sublinhado acima, que o “humanismo do nosso tempo” (p. 44) prezará fundamentalmente “[...] a posse das técnicas de exploração fecunda da realidade material e as artes que exprimam o sentido original do homem brasileiro” (1960, p. 44). Esta passagem sintetiza temas que o autor trabalhará em ensaios posteriores. O tema da técnica - assim como o da tecnologia - expresso na passagem citada, foi exaustivamente estudado e esmiuçado pelo autor em “O Conceito de Tecnologia”, volumes I e II. Além disso, após o opúsculo de 1956 e antes de “O Conceito de Tecnologia”, Vieira dedicara páginas de “Consciência e Realidade Nacional” I ao tema da técnica (2020a, pp. 72-85). Igualmente, a relação desse tema com “as artes que exprimam o sentido original do homem brasileiro” aparece no ensaio sobre tecnologia (VIEIRA PINTO, 2005, pp. 45-46, entre outras), bem como já aparecera em “Consciência e Realidade Nacional” I (2020a, pp. 87-405) e II (2020b).

Os temas da técnica e da tecnologia, na verdade, aparecem muito obliquamente no ensaio-projeto de 1956. Em um primeiro momento, afirma o autor que os rumos do desenvolvimento se darão na medida da capacidade de utilizar os dados da ciência e os instrumentos da técnica a serviço de uma ideologia do progresso (1960, p. 15). Tal ideologia tem o sentido acima explicado, trata-se da ideologia nacional, sinônimo de filosofia do desenvolvimento (p. 45). Depois, liga o tema ao “humanismo do nosso tempo” (p. 44), que prezará, como acima indicado, pela “[...] posse das técnicas de exploração fecunda da realidade material” (p. 44). O termo “tecnologia” sequer aparece neste momento da obra.

Porém, o leitor atento ao conjunto da obra e ao caráter de projeto do ensaio de 1956 constatará que o tema da técnica e da tecnologia seria aprofundado tanto em “Consciência e Realidade Nacional”, quanto, de modo muito detalhado, na obra “O Conceito de Tecnologia”. É preciso notar que todo o rol de conceitos trabalhados no opúsculo - filosofia do desenvolvimento, ideia, representação verdadeira, homem em situação histórica, consciência opaca, alienação, consciência autêntica, educação das massas, autonomia, regime democrático,

voto do povo, projeto nacional advindo de governo eleito pelo voto popular, inter-relação psique/ideia/representação verdadeira com as ações na sociedade, ideologia como conjunto de ideias claras e distintas advindas das massas, pela via da boa educação (esta, por sua vez, decorrente do "humanismo do nosso tempo" (p. 44)), inserção quantitativa das massas na cultura, mudanças de qualidade da consciência das massas, projeto nacional como filosofia do desenvolvimento ou ideologia nacional - apresenta ligação com estes dois momentos em que o termo *técnica* aparece na obra. Em outros termos, a técnica não aparece no ensaio como elemento solto, mas circundado por conceitos que o balizam.

O aprofundamento do tema da técnica, porém, virá, como indicado, apenas com a obra "Consciência e Realidade Nacional" e com a obra publicada, postumamente, em 2005: "O Conceito de Tecnologia".

Qual a possível relação entre o conceito de filosofia do desenvolvimento ou seu correlato, ideologia nacional (VIEIRA PINTO, 1960, p. 45), e a técnica, termo que já aparecera duas vezes no breve ensaio "Ideologia e Desenvolvimento Nacional"? Uma análise minuciosa de partes de "Consciência e Realidade Nacional" I, dedicado ao tema da amanualidade, do trabalho e da técnica, talvez ajude na tarefa de fazer a ponte entre um conceito e o outro. O artigo tratará, em seguida, de mostrar como Vieira Pinto concebeu conceitos que preenchem este "espaço vazio" do opúsculo de 1956.

AMANUALIDADE, TRABALHO E O VIÉS ÉTICO-POLÍTICO DA TÉCNICA

Ao iniciar o subitem em que trata do conceito de amanualidade, o autor parte da definição seguinte:

> As ponderações anteriores tiveram apenas por finalidade mostrar a necessidade de construir, como instrumento de emancipação econômica dos países subdesenvolvidos, uma filosofia cuja tese central seja esta afirmação: é o trabalho que revela a realidade, à medida que a vai modificando (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 72).

Veja-se que Vieira Pinto inicia o item 6 (ou "f" na edição original do ISEB - 1960a, p. 67) fazendo referência às ponderações anteriores. Ao se considerar o capítulo 3, "Consciência ocupada e desenvolvimento", tratou de temas como a consciência e a práxis do desenvolvimento, a prática no país subdesenvolvido, o trabalho e a prática, trabalho e filosofia no país subdesenvolvido e filosofia existencial como filosofia do centro dominante. Vieira Pinto coloca, portanto, a filosofia no centro do debate. Não se trata, entretanto, de filosofia abstraída da realidade, mas com pés fincados na existência. Porém, os existencialistas e suas teses sofrem, na pena de Vieira Pinto, uma antropofagia (ANDRADE, 1970), a qual faz que os conceitos estrangeiros venham à filosofia vieiriana totalmente ressignificados, adaptados ao que ele chamou em "Ideologia e Desenvolvimento Nacional" de "humanismo do nosso tempo" (1960, p. 44), o qual prezará "[...] fundamentalmente o conhecimento das ciências da cultura e da natureza, a posse das técnicas de exploração fecunda da realidade material e as artes que exprimam o sentido original do homem brasileiro" (1960, p. 44). Ciências da cultura e ciências da natureza, eis dois dos tópicos a serem explorados pelo humanismo vieiriano. O conhecimento científico, aqui, é o primeiro passo, de mãos dadas com a técnica. Assim, tal humanismo deverá se apoderar das técnicas que explorem a realidade material. Em outro ponto, a ser prezado, por

fim, pelo humanismo vieiriano, estão as artes. Não as artes como folclore, mas as que clareiem o sentido radical, de origem, do povo brasileiro. Da arte como caricatura à arte como saber originário, eis o salto.

Após definir, assim, a tese central da filosofia que está em jogo, isto é, a do trabalho como revelador da realidade na medida em que a vai modificando (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 72), trata, em seguida, do conceito de amanualidade, retirado da filosofia da existência[7] (2020a, p. 73), porém, redefinido pelo autor. O conceito de amanualidade vem da ideia de algo “estar à mão”. E o que está à mão? O mundo se apresenta ao homem como espaço de ações possíveis em relação aos objetos dispostos ao seu redor. Tais objetos podem ser tomados como utensílios (2020a, p. 73). Escreve o autor:

> [...] a objetividade se faz acessível ao homem mediante a amanualidade com que se apresentam a nós os entes circundantes preexistentes à ação. Com estes, graças à propriedade de serem o que está ao alcance da mão, [...] ao alcance da nossa percepção sensível, é que se constitui na consciência a representação do mundo, cujo primeiro círculo [...] é este, tendo por fundo o horizonte da objetividade indeterminada, que [...] se vai configurando, à medida que progride nossa faculdade de apreensão - ou melhor, de ´preensão`, de ´agarrar com a mão` - dos entes que lá se encontram (2020a, p. 73).

Em seguida, após fazer uso da definição abstrata e metafísica do conceito (2020a, p. 73), aspecto que critica nos fenomenólogos existenciais, afirma que os objetos que estão ao redor do homem e que se revelam como coisas, são, em realidade, artefatos, objetos fabricados (2020a, p. 73). Antes de se darem ao manuseio do homem, já foram produzidos por outros homens. Há, portanto, camadas de manuseio que se sobrepõem. Primeiro, há o manuseio das substâncias brutas. Depois, o manuseio dos artefatos criados a partir das substâncias brutas. E assim sucessivamente. Esse um primeiro aspecto do conceito de amanualidade usado por Vieira Pinto. Há gradação das coisas que estão à mão, há gradação nos tipos de manuseio. O que se oculta por detrás da gradação do amanual é um conceito caro à filosofia de Vieira, a saber, o trabalho (2020a, p. 73).

O exemplo que Vieira Pinto usa para ilustrar a tese é o do barro/vasilha/arte cerâmica. O ato de mexer em um pouco de barro é uma coisa. Segurar uma vasilha de barro para beber é outra. E uma terceira é tomar a vasilha nas mãos para apreciar a beleza dos desenhos e as cores dadas pela arte cerâmica nela feita. Nos três casos, o que mudou o mundo ao redor - barro, vasilha, arte cerâmica - foi o trabalho, cujos graus significam a elevação da realidade objetiva da coisa a momentos superiores de manuseio, de amanualidade. Na medida em

[7] Um dos existencialistas objeto da verve de Vieira Pinto é Heidegger, cuja filosofia é desmontada em algumas passagens memoráveis de “O Conceito de Tecnologia” I (2005, pp. 366-368). O filósofo brasileiro chama a obra de Heidegger de “enorme verbimontagem” (p. 368) e afirma sobre o pensador: “[...] exemplar patognomônico [diz-se de sinal ou sintoma característico de dada doença] da fauna filosófica dos tradicionais centros metropolitanos presentemente em indisfarçável declínio [...]” (2005, p. 367).

que se sofistica o trabalho impresso na coisa, e no artefato derivado desta coisa, e assim sucessivamente, surgem novas características do objeto (2020a, p. 74).

Muito do que foi feito no mundo que cerca o homem é fruto dessa impressão de amanualidade, em graus variados, nas coisas e nos artefatos, que por sua vez são objeto de intervenção de novos artefatos. Isso tudo custa trabalho (2020a, p. 74). O conceito de amanualidade passa de conceito abstrato a conceito fincado na realidade, de acordo com a reformulação nele introjetada por Vieira Pinto. Assim, o aspecto do trabalho e o fato de que há diferentes trabalhos a depender do período de que se fala, inclui no conceito um novo aspecto, a história. Tem-se, desse modo, na amanualidade vieiriana, tanto a prática, o trabalho impresso nas coisas e artefatos, o esforço humano, quanto a acumulação de trabalho ao longo do tempo e, portanto, a dinâmica da história (2020a, p. 75).

Em função desse salto conceitual, dessa sofisticação do conceito, Vieira Pinto pode concluir:

> Cada indivíduo encontra o mundo povoado pelos objetos que a época na qual nasceu pode produzir, na fase em que se acha o processo econômico e cultural da sua comunidade. A revelação do mundo, pelo amanual das coisas, se faz, portanto, trazendo sempre o caráter histórico da manufatura e se refere às forças de produção, às relações de produção e ao grau de avanço intelectual existentes (2020a, p. 76).

Por fim, como corolário da redefinição proposta por Vieira Pinto do conceito e de seu alargamento epistemológico, tem-se que o trabalho do homem individual em seu meio histórico, em determinada posição no espaço social, é igualmente o resultado do trabalho das gerações anteriores. É, com efeito, como se a lente dos fenomenólogos, tomada de empréstimo com a opacidade da abstração metafísica, passasse pelo polimento vieiriano e finalmente se prestasse a ajudar aquele que a usa a enxergar com exatidão a natureza das coisas. Há, então, no conceito de amanualidade proposto por Vieira Pinto, trabalho individual e trabalho histórico acumulado, esforço humano dos que precederam aquele homem individualmente considerado (2020a, p. 77). Onde entra, nessa equação, o conceito de nação?

Um aspecto relativo à historicidade da natureza amanual das coisas, segundo Vieira, é o que segue: “Saber que a amanualidade reveladora do mundo material é função do momento histórico [como visto acima] leva imediatamente a compreender que está na dependência do estado de desenvolvimento de cada ´comunidade nacional`” (2020a, p. 77 - grifo nosso). Vieira então afirma que os países não se nivelam no mesmo grau de progresso (p. 77). Ora, progresso, para Vieira Pinto, não é uma filosofia da história a informar um rumo certo e inexorável dos povos e nações. É uma sofisticação amanual no domínio da natureza das coisas. Assim, fica claro que a historicidade do conceito permite que se enxergue amanualidades diferentes em diferentes países (nações). Este pode ser, em função de seu domínio sobre as coisas, desenvolvido ou subdesenvolvido (2020a, p. 77).

Neste ponto da argumentação vão se tornando claros os contornos da filosofia do desenvolvimento vieiriana. É instância que amarra a filosofia da técnica à filosofia política, ao mesmo tempo em que preenche aquilo que fora apenas apontado, mas não desenvolvido, no opúsculo de 1956, “Ideologia e

Desenvolvimento Nacional". De fato, uma nação cuja amanualidade é pouco sofisticada possui, por parte de seus membros constituintes, uma relação com o mundo que se caracteriza pela pobreza científica e técnica. Em síntese, a relação dos membros de uma nação subdesenvolvida com o entorno é de uma amanualidade menos sofisticada em relação à dos países desenvolvidos, industrializados. Segundo o autor, isso já era claro empiricamente, mas ninguém havia ainda compreendido a "fundamentação filosófica" (2020a, p. 78) que explica a raiz das situações distintas: de um lado, elaboração da amanualidade, no sentido de sofisticação e relação com um entorno já resultante de trabalho acumulado, e trabalho este de qualidade, não apenas referente à quantidade. De outro lado, o subdesenvolvimento como uma relação com o entorno não com produtos fabricados pela indústria, mas com entes em muitos casos sequer objeto de um primeiro grau de amanualidade, ou seja, quando o amanual é em grande monta a circunstância "puramente física" (2020a, p. 78). Esta distinção entre fase primária do desenvolvimento e fase mais sofisticada traz consequências não apenas ao modo de vida dos membros da nação, mas às suas consciências acerca do entorno (2020a, p. 78).

Se a consciência gerada nos indivíduos da nação subdesenvolvida é diversa em qualidade em face daquela gerada nos membros da nação desenvolvida, há uma característica que pode ser encontrada nos membros da nação subdesenvolvida que poderá ser a catapulta para a mudança de qualidade. Uma vez constatado o aspecto histórico da amanualidade e a diferença entre as nações com mais e menos sofisticação na relação com o mundo, pode surgir a procura dos meios de eliminar tal discrepância (2020a, p. 78). A busca do esclarecimento da questão, sob o ponto de vista da história, levará à constatação de que o desenvolvimento "[...] é resultado do processo de acumulação de trabalho" (2020a, p. 79). É preciso, pois, afirma Vieira Pinto, que os países subdesenvolvidos "[...] desencadeiem no seu interior um movimento de acumulação de trabalho [...]" (2020a, p. 79). Há, entretanto, uma sutileza aqui. Trata-se de qualquer trabalho? De modo algum. Não se trata de acumulação quantitativa de trabalho, mas de acumulação qualitativa. Apenas esta é uma modalidade útil de acumulação de trabalho, sendo a quantitativa inócua para o desenvolvimento (2020a, p. 79). É preciso sair da situação de produzir "um mais" para a de produzir "um novo". Nesse momento, se estabelece entre as duas formas de trabalho uma "relação dialética de meio e fim" (2020a, p. 79), que torna a sucessão do trabalho "[...] não apenas cronológica, mas histórica" (p. 79). Ou seja, o trabalho normal, sem inovação, passa a ser meio para o trabalho novo, o que é capaz de refundar, momento a momento, a história de dada nação. O maior desenvolvimento de uma nação em face da outra está exatamente na capacidade de produzir, o quanto mais, trabalho novo acumulado. O salto qualitativo é, neste caso, o desenvolvimento da nação que é capaz de praticar tal tipo de trabalho. Não se trata, portanto, de simples intensificação do trabalho e aumento de produtividade, pois é precisamente o "´novo` do trabalho" (2020a, p. 80) que produz o desenvolvimento. O salto histórico da nação se faz apenas e tão somente com este tipo de trabalho acumulado, não com a intensificação do trabalho "velho" e sua acumulação. As camadas de amanualidade sofisticada que se acumulam é que possibilitam à nação seus saltos históricos, seu desenvolvimento. Outra face da mesma moeda, a acumulação da intensificação da amanualidade simplória faz que a nação, ao invés, se mantenha subdesenvolvida. O autor conclui: "[...] o que define em qualidade um modo de

fazer é o que se chama a técnica. Eis-nos assim em face da questão filosófica da técnica” (2020a, p. 80). Por sua vez, Vieira Pinto define a essência da técnica com as seguintes palavras: “[...] a essência da técnica, o que lhe confere a natureza de processo, é a acumulação qualitativa do trabalho” (VIEIRA PINTO, 2020a, p. 80). Ela tem dois aspectos. De um lado, é conhecimento acumulado do melhor meio para se atingir determinado fim útil - é um fazer bem. Este o aspecto conservador da técnica (2020a, p. 79). Porém, ressalta Vieira Pinto, a essência da técnica “[...] não está no ´fazer bem`, e sim no ´fazer novo` [...] é por natureza invenção” (2020a, p. 81). Procura realizar algo melhor por meio melhor, sendo o “meio melhor” o que, segundo Vieira, “[...] desvenda o íntimo da técnica” (2020a, p. 81). O que aparece como velho é o modo estabilizado de trabalho, ou seja, o que a sociedade em determinado momento conhece de melhor para se chegar a um resultado desejado (2020a, p. 82). A técnica como essência entra exatamente aí, ou seja, “[...] vai afetar o modo de trabalho existente e sobre ele depositar o modo novo e mais perfeito” (2020a, p. 82). Trata-se de acumulação de trabalho, porém não como repetição do velho, mas invenção de procedimentos originais. O processo de desenvolvimento técnico é esta sobreposição de camadas de maneiras de trabalho distintas qualitativamente (2020a, p. 82).

As reflexões acima apontam para uma conclusão rica em efeitos. De fato, o autor traz como corolário dos argumentos acima dispostos que a técnica não pode ser concebida como algo abstrato, como a técnica em geral. Em vez disso, ele constata que, por ser processo de acumulação qualitativa de trabalho, feito em dada nação e em dado momento, nunca pode prescindir de seu aspecto histórico: “A técnica é fundamentalmente um processo histórico” (2020a, p. 83). Ela demanda um contexto histórico e um dado regime de produção. Não se apresenta ou se modifica no vazio.

Por fim, uma passagem-chave retirada das iniciais reflexões de Vieira Pinto sobre a técnica (realizadas na obra de 1960) liga este conceito ao de desenvolvimento e, portanto, ao ensaio-projeto de 1956, “Ideologia e Desenvolvimento Nacional”. Se a técnica é a criação do novo a partir do antigo, a saber, desenvolvimento (2020a, p. 84), conclui: “Constatamos, assim, este fato, pelo qual nos é dada, em síntese, a teoria do desenvolvimento, e que exprimimos nesta proposição: o processo histórico do desenvolvimento nacional consiste no desenvolvimento dos processos técnicos de produção” (2020a, p. 84). E arremata em seguida: “Eis a razão pela qual o desenvolvimento nacional está forçosamente na dependência do avanço técnico” (2020a, p. 84).

Vieira Pinto transmuta o conceito abstrato de amanualidade em conceito útil ao incorporar em seu bojo a história. Não a história em geral, mas a de cada nação em específico. De nada adianta falar do caráter amanual do mundo, “mas não dizer de que mundo histórico se trata” (2020a, p. 85). O mundo histórico de que se está a falar sempre é um país, uma nação, situado na história, com determinada conformação social e em certa etapa de desenvolvimento dos processos produtivos e da sua cultura (2020a, p. 85).

Mais uma nota acerca da questão da técnica, na qual importante tese deve ser salientada. É apenas nos ensaios “O Conceito de Tecnologia” I e II que todas essas questões, inicialmente trabalhadas em “Consciência e Realidade Nacional”, e acima analisadas em sua relação com o opúsculo de 1956, são objeto de minuciosa reflexão. De fato, são dois densos volumes que totalizam mais de mil e trezentas páginas na edição de 2005 da editora Contraponto. Nos ensaios, Vieira Pinto aprofunda as teses sobre a técnica, disserta sobre os conceitos de

tecnologia e, no segundo volume, analisa a então incipiente cibernética. Por ser obra de fôlego, não há como a relacionar, no escopo do presente artigo, com as questões acima trabalhadas. Sequer um resumo poderia ser minimamente fiel à obra original. De modo que eventual continuidade do presente artigo, ligando os temas aqui indicados com a obra referida, demandaria mais pesquisas e a construção de um ou mais artigos. Esta a razão de a obra magna de Vieira Pinto aparecer nessas reflexões de modo muito lateral, não obstante ter como tema o conceito de tecnologia[8].

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Álvaro Vieira Pinto foi um pensador que fez uso de sua vasta erudição, especialmente na área da história da filosofia, mas não apenas, para elaborar reflexão sofisticada e original sobre temas que se inter-relacionam, tais como nação, desenvolvimento, amanualidade, consciência, alienação, trabalho, técnica. Por outro lado, suas teses acerca da filosofia do desenvolvimento, trabalhadas no breve ensaio de 1956, "Ideologia e Desenvolvimento Nacional", somente podem ser compreendidas em sua completude com a análise de textos posteriores do autor, como "Consciência e Realidade Nacional". Assim, o artigo procurou ligar conceitos das duas obras, de modo que uma iluminasse o que na outra ficou latente ou fora apenas apontado.

O conceito de amanualidade, advindo da filosofia existencialista a princípio, e carregado de metafísica e formalismo, foi inoculado por Vieira Pinto com a o tema do trabalho e o com a história. Se o homem está em relação com as coisas do mundo, se o mundo está "à mão" do homem, para manuseá-lo, tal situação não pode ser encarada com as lentes da abstração metafísica. Não há o homem neutro e a-histórico. O homem nasce em um país, em uma nação, e é condicionado, ao mesmo tempo em que age, nesta situação e neste país. Portanto, o conceito de amanualidade que Vieira Pinto utiliza está devidamente protegido dos perigos do pensamento ingênuo. Este possui pés de barro e não finca raízes na concretude.

O desenvolvimento de uma nação, conceito trabalhado no ensaio de 1956, ganha densidade na medida em que é relacionado ao conceito de amanualidade. Por ter perdido a abstração, o "agarrar com a mão" que o homem faz do mundo se dá na história de cada nação. O manuseio do mundo é em primeiro momento manuseio de coisas do entorno, ainda não tocadas ou modificadas pela ação humana. Na medida em que o mundo vai sendo manuseado, vão surgindo os artefatos, com os quais o homem se relaciona, e assim sucessivamente. Há graus de manuseio, há graus de sofisticação no manuseio. O que está por trás dessa gradação do manual é o trabalho. Esta uma tese central de "Consciência e Realidade Nacional" (2020a, p. 73).

O trabalho é conceito que será compreendido por Vieira Pinto como dispêndio de esforço, porém tanto em âmbito individual quanto em âmbito coletivo e ao longo da história. Há, assim, trabalho acumulado que chega aos indivíduos pelos que vieram antes dele na nação em que o indivíduo situa sua

[8] Sobre o tema da tecnologia em Vieira Pinto, ver: CARVALHO, 2017a; CARVALHO, 2019; CARVALHO, 2020; CARVALHO, 2020a; COSTA & MARTINS, 2020; FREITAS, 2005; KLEBA, 2006. Sobre a questão da cibernética e da informação, ver: DANTAS, 2021.

existência. O trabalho com o mundo ganha em sofisticação quando há inovação dos meios de se chegar aos fins. A essência da técnica, meio para se chegar a fins, é exatamente seu caráter de fazer de “modo novo”. Ela é, igualmente, em outro ângulo de observação, um fazer aos moldes antes feitos. Uma acumulação de saberes. Esse o lado conservador da técnica. O que ela tem de essencial é ser invenção, ou seja, meios novos de fazer algo no mundo. Uma amanualidade sofisticada que se acumula a amanualidades sofisticadas e, ao mesmo tempo, que supera as anteriores em qualidade. O que permite a Vieira Pinto sintetizar a questão do seguinte modo: “[...] a essência da técnica, o que lhe confere a natureza de processo, é a acumulação qualitativa do trabalho” (2020a, p. 80). A técnica é precisamente o conceito que permite às nações os saltos históricos que as colocam em situação de desenvolvimento. A nação que não tem sofisticação em sua amanualidade, que detém técnicas ainda rudes, que não investe em educação científica e cultural que lhe permita amanualidades mais sofisticadas, patina na história, tem uma existência cronológica em vez de histórica. Ao passo que as nações que buscam a sofisticação de sua amanualidade dão os saltos históricos necessários a novos modos de relacionamento com o entorno. Têm amanualidades mais potentes e um conjunto de indivíduos que se relaciona com o entorno de maneira diversa daqueles que apenas usam técnicas e conhecimentos científicos menos elaborados.

Pode-se concluir, eis uma hipótese que está nas entrelinhas do artigo, que a filosofia do desenvolvimento de Vieira Pinto é o exercício de uma sofisticada antropofagia, aos moldes oswaldianos (ANDRADE, 1970)[9], feita por uma das mentes mais brilhantes que o país já teve. Com efeito, Vieira Pinto ressignifica, a serviço de suas teses, todo o rol de filosofias estrangeiras que conhecia, sem considerar sua erudição extra filosófica.

Conclui-se, em outra chave, que a filosofia do desenvolvimento, ou ideologia nacional (VIEIRA PINTO 1960, p. 45), proposta por Vieira Pinto é, eis a hipótese principal desdobrada neste artigo, uma filosofia política da técnica.

Para finalizar, uma breve nota. Gustavo Corção foi adversário teórico e político de Vieira Pinto. Pensador de escol do catolicismo tradicional, em variadas ocasiões públicas explicitou seu profundo desentendimento com o autor de “O Conceito de Tecnologia” (CORÇÃO, 1962, 1962a, 1962b). Corção, não obstante esquecido nos tempos atuais, tal qual Vieira Pinto, porém em grau bem mais intenso, foi autor que mereceu de Manuel Bandeira imenso apreço pelo seu talento, a ponto de o poeta ter escrito carta afirmando que Corção seria merecedor do Prêmio Nobel (BANDEIRA, 1965)[10].

[9] Vieira Pinto provavelmente se relaciona com alguns autores da semana de arte moderna em 1926. Ver: Gonzatto e Merkle, 2016, p. 290. A fonte da afirmação e uma hipótese de quais seriam os modernistas está na nota 21 do artigo (2016, p. 306): “Álvaro Vieira Pinto em entrevista concedida a Dermeval Saviani, 1981 [...]. Supomos que dentre estes estejam Augusto Frederico Schmidt, que trabalhou para Carlos V. Pinto como caixeiro viajante, e Hamilton Nogueira. Segundo Mariza Urban, sobrinha de Vieira Pinto, Schmidt foi criado pela família de Vieira Pinto, mas depois se distanciaram.”

[10] Afirma o poeta: “Você escreveu em *O Desconcêrto do Mundo* um dos livros mais belos e mais fortes de nossas letras. Ele precisa ser traduzido para todas as línguas, a fim de mostrar lá fora que nós também somos dignos do Prêmio Nobel.”

Ocorre que Gustavo Corção é também autor de um livro sobre a técnica, intitulado "As fronteiras da técnica", cuja primeira edição é de 1954 (CORÇÃO, 2021). A comparação entre as teses de ambos: eis um debate entre titãs a ser realizado[11]. Não apenas em função do tema, mas especialmente do resgate do original e rico pensamento filosófico feito por pensadores brasileiros. E não se trata aqui de requentar a tese objeto da crítica mordaz de Vieira Pinto, a saber, a da criação ou existência de uma filosofia brasileira. Trata-se de resgatar filosofias potentes, acerca de tema crucial a qualquer nação, embora com olhares epistemológicos díspares.

Álvaro Vieira Pinto and the political philosophy of technique

ABSTRACT

The article seeks to deal with Vieira's concepts of philosophy of development, nation, handiness, work, history, technique, authentic consciousness and mass education. For this, two essays by Álvaro Vieira Pinto are focused. On the one hand, "Ideology and National Development". On the other hand, "Consciousness and National Reality" I. It is intended that the latter shed light on concepts only mentioned in the first. The article makes use of primary sources and uses commentators on the work of Vieira Pinto as a secondary source. The conclusion points out, from the analysis of the above concepts, present in the mentioned works, the existence of strong links between Vieira's concept of technique and the political philosophy proposed by the author.

KEYWORDS: Álvaro Vieira Pinto. Development philosophy. Work. Technique. Nation.

[11] Um primeiro esforço nesse sentido, em forma de notas sobre a técnica em Gustavo Corção, com vistas a uma futura comparação com Vieira Pinto, foi feito por Norma Côrtes (CÔRTES, 2015).

REFERÊNCIAS

ABREU, Alzira Alves. A ação política dos intelectuais do ISEB. In: NAVARRO DE TOLEDO, Caio. **Intelectuais e política no Brasil. A experiência do ISEB**. Rio de Janeiro: Revan, 2005, pp. 97-117 [2005].

ANDRADE, Oswald de. Manifesto Antropófago. In: ANDRADE, Oswald. **Obras Completas** (Vol. VI). Rio de Janeiro: ed. Globo, 1970, pp. 11-19. [1970].

BANDEIRA, Manuel. Carta a Gustavo Corção de 25/03/1965. Disponível em: https://permanencia.org.br/drupal/node/70. Acesso: 21 JUL 2022 [1965].

CARVALHO, Jairo Dias. Tecnologia, política e filosofia em Álvaro Vieira Pinto. **Pensando – Revista de Filosofia**, Vol. 8, n.15, 2017, pp. 21-30. Disponível em https://revistas.ufpi.br/index.php/pensando/issue/view/249. Acesso: 27 JUL 2020 [2017].

CARVALHO, Jairo Dias. A Filosofia da Tecnologia e o Desenvolvimento Tecnológico Nacional. **Quadranti – Rivista Internazionale di Filosofia Contemporanea**, Volume 5, nº 1-2, 2017, pp. 47-62 [2017a].

CARVALHO, Jairo Dias. Qual tecnologia, qual sociedade, qual desenvolvimento? In: María de las Mercedes O. Lery; Lucía Federico; Yefrin Ariza. (Orgs.). **Filosofía e Historia de la Ciencia en el Cono Sur. Selección de Trabajos del XI Encuentro**. 1ed. Buenos Aires: Asociación de Filosofía e Historia de la Ciencia del Cono Sur, 2019, v. 1, pp. 245-254. Disponível em: http://www.afhic.com/wp-content/uploads/2017/11/Seleccion-AFHIC-1.pdf. Acesso: 24 JUN 2021 [2019].

CARVALHO, Jairo Dias. O Brasil como problema. Parte um: a filosofia da técnica. In: OLIVEIRA, Jelson. **Filosofia da tecnologia: seus autores e seus problemas**. Caxias do Sul: Educs, 2020, pp. 303-322 [2020].

CARVALHO, Jairo Dias. A nação como conceito da filosofia da tecnologia de Álvaro Vieira Pinto. In: Claudemir Roque Tossato; Jelson Oliveira; Jorge L. Viesenteiner; Jorge Molina; Max R. Vicentini; Tadeu Verza. (Org.). **Filosofia da Natureza, da Ciência, da Tecnologia e da Técnica**. 1ed.São Paulo: ANPOF, 2020, v. 1, p. 80-88 [2020a].

CORÇÃO, G. A reforma universitária. In: **Diário de Notícias**. 11.03.1962. Suplemento Literário. Disponível em: https://www.zotero.org/groups/156901/alvaro_vieira_pinto/search/gustavo%20cor%C3%A7%C3%A3o/titleCreatorYear/items/QRJ3CDRI/item-list. Acesso: 08 DEZ 2021 [1962].

CORÇÃO, G. O planisfério do descalabro. In: **Diário de Notícias**. 18.03.1962. Suplemento Literário. Disponível em: https://www.zotero.org/groups/156901/alvaro_vieira_pinto/search/gustavo%20cor%C3%A7%C3%A3o/titleCreatorYear/items/EX2DTVQX/item-list. Acesso: 08 DEZ 2021 [1962a].

CORÇÃO, G. Uma aula de metafísica. In: **Diário de Notícias**. 17.06.1962. Primeira seção. p. 2. Disponível em: https://www.zotero.org/groups/156901/alvaro_vieira_pinto/search/gustavo%20cor%C3%A7%C3%A3o/titleCreatorYear/items/QKRDEN48/item-list. Acesso: 08 DEZ 2021 [1962b].

CORÇÃO, Gustavo. **As fronteiras da técnica.** Campinas: Vide Editorial, 2021.

CÔRTES, Norma. Álvaro Vieira Pinto (1909-1987): vida & obra. In: CÔRTES, N. **Três comunicações reunidas sobre Álvaro Vieira Pinto**. Rio de Janeiro: Artes do Tempo, 2020, pp. 01-07. Disponível em: https://ufrj.academia.edu/NormaCortes. Acesso: 13 AGO 2020 [2020].

CÔRTES, Norma. **O problema da técnica em Gustavo Corção. Notas avulsas para comparação com as ideias de Álvaro Vieira Pinto**. Apresentação realizada no GT Álvaro Vieira Pinto do VI ESOCITE.BR TECSOC — VI Simpósio Nacional de Tecnologia e Sociedade | UFRJ | Rio de Janeiro, outubro de 2015. Disponível em: https://ufrj.academia.edu/NormaCortes. Acesso: 24 ABR 2023 [2015].

COSTA, Breno Augusto da e MARTINS, Adriano Eurípedes Medeiros. Álvaro Vieira Pinto sobre o conceito de tecnologia: uma discussão introdutória. **O que nos faz pensar***,* Rio de Janeiro, v.29, n.47, p.108-123, jul-dez. 2020.

DANTAS, Marcos. Álvaro Vieira Pinto e a dialética da informação. In: **Princípios**. Dossiê: O Iseb e o desenvolvimento nacional. São Paulo, Vol. 162, jul-out 2021, pp. 41-74 [2021].

FÁVERI, José Ernesto de (org.). **O legado de Álvaro Vieira Pinto na voz de seus contemporâneos**. [E-book Kindle] São Paulo: ed. LiberArs, 2015.

FREITAS, Marcos Cezar. **Álvaro Vieira Pinto: a personagem histórica e sua trama**. São Paulo: ed. Cortez/ed. USF-IFAN, 1998.

FREITAS, Marcos Cezar de. O conceito de tecnologia: o quarto quadrante do círculo de Álvaro Vieira Pinto. In: VIEIRA PINTO, Álvaro. **O conceito de tecnologia**. Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2005, pp. 01-25 [2005].

GONZATTO, R.F.; MERKLE, L.E. Vida e obra de Álvaro Vieira Pinto: um levantamento biobibliográfico. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.69, SET, 2016, pp. 286-310 [2016].

KLEBA, John Bernhardt. Tecnologia, ideologia e periferia: um debate com a filosofia da técnica de Álvaro Vieira Pinto. **Convergencia - Revista de Ciencias Sociales**, UAEM, Mexico, n. 42, set-dez 2006, pp. 73-93 [2006].

MONTANS BRAGA, Luiz Carlos. Lógica dialética e lógica formal: Álvaro Vieira Pinto e a natureza da luz. **Revista Iniciação & Formação Docente**, Vol. 8, N. 3, 2021, pp. 643-667 [2021].

REDE ÁLVARO VIEIRA PINTO. Obras de Álvaro Vieira Pinto. Publicado em 13 de janeiro de 2016. Disponível em: http://www.alvarovieirapinto.org/obras/%E2%80%A8sete-licoes-sobre-educacao-de-adultos/. Acesso: 29 ABR 2021.

REDE ÁLVARO VIEIRA PINTO. Disponível em: http://www.alvarovieirapinto.org. Acesso: 20 JUL 2020.

SAVIANI, Dermeval. Introdução e Entrevista concedida por Álvaro Vieira Pinto. In: VIEIRA PINTO, Álvaro. **Sete lições sobre educação de adultos**. 8ª Edição. São Paulo: Paz e Terra, 1993, pp. 9-27. [Entrevista de julho de 1981]. [1993].

TOLEDO, Caio Navarro de (org.). **Intelectuais e política no Brasil. A experiência do ISEB**. Rio de Janeiro: Revan, 2005.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ensaio Sobre a Dinâmica na Cosmologia de Platão**. Rio de Janeiro, 1949. Disponível em: http://library.lol/main/734454D6F23427C906C93D7982626B7A. Acesso: 13 JUL 2022 [1949].

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ideologia e Desenvolvimento Nacional**. 4ª edição. Rio de Janeiro: ed. do ISEB, 1960.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e realidade nacional (Vol. I - A consciência ingênua).** Rio de Janeiro: ed. do ISEB, 1960a.

VIEIRA PINTO, Álvaro Vieira. Indicações metodológicas para a definição do subdesenvolvimento. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, Vol III, n. 2, jul-1963, pp. 252-279 [1963].

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Sete lições sobre educação de adultos**. 8ª Edição. São Paulo: Cortez, 1993.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O Conceito de Tecnologia (Vol. I)**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **O Conceito de Tecnologia (Vol. II)**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005a.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **A Sociologia dos Países Subdesenvolvidos: introdução metodológica ou prática metodicamente desenvolvida da ocultação dos fundamentos sociais do "vale de lágrimas"**. José Ernesto de Fáveri (org.). Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2008.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2020.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e realidade nacional (Vol. I - A consciência ingênua).** Rio de Janeiro: ed. Contraponto, 2020a.

VIEIRA PINTO, Álvaro. **Consciência e realidade nacional (Vol. II- A consciência crítica).** Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2020b.

Recebido: 22/07/2022
Aprovado: 14/08/2023
DOI: 10.3895/rts.v19n57.15755

Como citar:

BRAGA, L. C. M. Álvaro Vieira Pinto e a filosofia política da técnica.

Rev. Tecnol. Soc., Curitiba, v. 19, n. 57, p. 488-508, jul./set., 2023. Disponível em:

https://periodicos.utfpr.edu.br/rts/article/view/15755

Acesso em: XXX.

Correspondência:

